

# **Reflexões sobre as influências bíblicas e clássicas no pensamento histórico medieval: o que significava escrever história quando Dudo de Saint-Quentin escreveu sua *Gesta Normannorum* (995 – 1015/1026)?**

## **Reflexions on biblical and classical influence over medieval historical thought: what did it mean to write history when Dudo of St Quentin wrote his *Gesta Normannorum* (995 - 1015/1026)?**

**Thiago Natário<sup>1</sup>**

**Resumo:** Historiografia medieval é um rico campo de pesquisa que vem sendo objeto de grande complexificação na análise de seus componentes e pressupostos. Buscamos trazer, com este artigo, algumas breves reflexões sobre o campo, analisando a ordem do tempo cristã e alguns de seus desdobramentos teológicos, bem como as influências clássicas e tardo-antigas sobre o desenvolvimento de uma tradição de escrita histórica medieval. Nosso objetivo de pesquisa é buscar um melhor entendimento da *Gesta Normannorum* de Dudo de Saint-Quentin, uma importante fonte para a história do nascente ducado da Normandia, analisada principalmente por sua rebuscada retórica e pela natureza “fantasiosa” de suas descrições. A presente análise, que integra uma corrente pesquisa de mestrado, busca encaixar a *Gesta* em um panorama historiográfico mais amplo, bem como enxergar sua relação com uma tradição de pensamento cristã e com a retórica ciceroniana.

**Palavras-chave:** Historiografia medieval; *Gesta Normannorum*; *origo gentis*; providencialismo; retórica e plausibilidade.

**Abstract:** Medieval historiography is a plentiful research field that has been the object of a complexification on the analysis of its components and basic presuppositions. Via this paper we aim to bring a few brief reflections on the field, analyzing the Christian order of time and some of its theological developments, as well as the classical and late-antique influences on the development of a medieval historical writing tradition. Our research objective is to reach a better understanding of Dudo of Saint-Quentin’s *Gesta Normannorum*, an important source for the history of the ascending duchy of Normandy, mainly studied for its far-fetched rhetoric and for the “fabricated” nature of its descriptions. The present analysis, which is part of an ongoing Master’s research, intents to place the *Gesta* in a broader historiographical scenery, as well as perceive its connection to a Christian tradition of thought and to Ciceronian rhetoric.

**Key words:** Medieval Historiography; *Gesta Normannorum*; *origo gentis*; providentialism; rhetoric and plausibility.

Dispondo de raízes semelhantes, judaísmo e cristianismo constituíram-se enquanto religiões calcadas na historicidade, uma vez que baseadas em textos sagrados que são, pelo menos em parte, históricos e biográficos. Assim, não havia dúvidas durante o medievo que a história deveria ser escrita<sup>2</sup>. Como e por que, contudo, eram fatores que dependiam muito do local e do período nos quais um texto era imaginado, levando a escrita histórica do período a variar muito em forma, conteúdo e intenção.

Também sabemos que, apesar de considerada importante, a história frequentemente não foi encarada como um campo de estudos independente durante a Idade Média latina, mas como um galho da

<sup>1</sup> Mestrando em história pelo programa de pós-graduação da UFPR (2019 – 2021), integra a linha de pesquisa Cultura e Poder e o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Atualmente desenvolve sua dissertação, centrada na temática da criação e consolidação de uma identidade distintamente normanda na *Gesta Normannorum* de Dudo de Saint-Quentin.

E-mail: thiago\_natario@outlook.com

<sup>2</sup> DELIYANNIS, Deborah Mauskopf, Introduction, In. *Historiography in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2003, p. 1  
Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

gramática ou da retórica<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, os responsáveis pela escrita da história no período raramente foram os grandes padres ou bispos da Igreja, mas presbíteros, diáconos ou cônegos - como o próprio Dudo de Saint-Quentin -, que frequentemente escreviam motivados por um encargo de superiores eclesiásticos ou por uma encomenda oriunda de líderes seculares<sup>4</sup>. A prática, portanto, não era conduzida por um autor dedicado unicamente a tal ofício, mas por eclesiásticos de toda sorte, que escreviam também exegeses, poemas, panegíricos e documentos legais<sup>5</sup>. Sobre eles, além disso, quando muito sabemos seus nomes, suas datas de nascimento e falecimento aproximadas, a instituição religiosa a qual pertenciam e, em alguns casos, o centro de poder em torno do qual orbitavam.

No que diz respeito às motivações dos autores e suas pretensões ao escrever, sabemos menos ainda. Afora a amplamente difundida distinção de Isidoro de Sevilha entre *historia*, que aborda as “coisas que realmente foram feitas”, e *fabula*, que consiste em relatos ficcionais, chegou até nós um número quase nulo de tratados medievais dedicados à escrita da história<sup>6</sup>. Na busca por pistas que poderiam nos levar a um melhor entendimento sobre como cada autor via a tarefa que empreendia, somos deixados com brevíssimas explanações, apenas ocasionalmente contidas nos prefácios de suas obras. Além de curtos, tais textos geralmente são declarações de intenção bastante genéricas, que seguem padrões pré-estabelecidos a fim de expressar modéstia e hesitação, refletindo uma tentativa por parte dos autores de eximirem-se de acusações de arrogância ou presunção ao atribuir a encomenda de sua obra a um terceiro<sup>7</sup>.

Portanto, quando nos debruçamos sobre a escrita da história no período medieval nos deparamos com uma série de incógnitas, que vão desde a maneira a qual um determinado autor enxergava os elementos da operação que realizava até o pressuposto público leitor de seus escritos. Ao contrário das características predominantes na historiografia grega e romana, com autores que iniciavam textos afirmando seu nome e origem, além de frequentemente exporem o que entendiam por história, os pensadores medievais foram muito mais enigmáticos. Sendo assim, a busca por uma compreensão do que significava escrever história na Idade Média, mesmo quando falamos de um contexto bastante conhecido, é uma que coloca o pesquisador contemporâneo frente a grandes desafios e espaços em branco.

Desde os anos 1970, contudo, é possível observar um número crescente de estudos nesta área, que vêm analisando a existência ou não de uma noção de gênero textual, a influência das tradições clássica e bíblica, público almejado, noções de consciência histórica, de verdade e ficção, estruturas narrativas, etc.<sup>8</sup>. Rejeitando antigas abordagens que buscavam descobrir uma verdade histórica por trás de um véu de

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> SALOR, Eustaquio Sánchez. *Historiografía Latino-Cristiana: principios, contenido, forma*. Roma: L'Emma di Bretschneider, 2006, p. 83. O autor complementa o raciocínio, citando como os grandes pensadores medievais mais comumente dedicavam-se à poesia e aos grandes tratados teológicos.

<sup>5</sup> DELIYANNIS, *op. cit.* p. 6

<sup>6</sup> Ibid. p. 3 - 4. *Tradução nossa:* “*Historiae* are things which really have been done”.

<sup>7</sup> LAKE, Justin. “Authorial Intention in Medieval Historiography”. *History Compass*. v. 12, n. 4, 2014, p. 350

<sup>8</sup> DELIYANNIS, *op. cit.* p. 8

ideologia cristã, tais análises propõem um entendimento dos elementos de ficção e retórica não como um obstáculo à obtenção de dados factuais dos textos, mas como uma característica do pensamento medieval que deve ser estudada em si mesma<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, é amplamente aceita a necessidade de compreender o contexto que tornou a composição de determinada obra possível e desejável, levando-se em conta que a escrita histórica medieval era majoritariamente política quanto a suas temáticas e servia a propósitos políticos, seja de instituições religiosas ou entidades seculares<sup>10</sup>.

Ao traçar este breve panorama de pesquisa, assim, temos consciência de que ao falar sobre historiografia medieval estamos lidando com um tema cheio de enigmas, esbarrando em grandes discussões sobre as quais não temos a pretensão de nos aprofundar no escopo deste breve artigo. O que buscaremos é uma maior compreensão sobre o que significava escrever história quando Dudo de Saint-Quentin compôs sua *Gesta Normannorum* (995 – 1015/1026). Para tanto, situaremos a obra em um panorama mais amplo da tradição histórica medieval, discutindo as influências do pensamento cristão e clássico sobre o texto, bem como a maneira pela qual o autor enxerga e representa a fronteira entre ficção, retórica e uma alegada busca pela verdade.

### **A ordem do tempo cristã e a *Gesta Normannorum***

Antes de adentrarmos em uma discussão sobre o desenvolvimento da escrita da história na Idade Média, julgamos necessário fundamentar a compreensão de tal operação na relação entre passado, presente e futuro estabelecida pelo pensamento teológico cristão medieval. Tendo em mente que “a constituição de sentido em uma narrativa histórica está absolutamente ligada à experiência do tempo - ao seu conhecimento, vivência e impactação com a realidade”<sup>11</sup>, buscaremos compor, a partir das reflexões de François Hartog, uma breve discussão sobre os elementos que compunham a concepção cristã de passado e sua ordenação de tempo.

Como já observado, a Bíblia, texto fundador do judaísmo e do cristianismo e fonte de seus principais dogmas, é, em essência, um livro de história. Ela não se configura, entretanto, apenas como um livro da história já ocorrida, mas um que fornece também a trama de toda a história presente e futura<sup>12</sup>. Desta forma, a mentalidade judaico-cristã encaixa o presente da humanidade entre um passado que era “conhecido” e um futuro que era já “certo”, entre a era bíblica e a vinda do Messias, fazendo do tempo vivido um de forte linearidade e tensão para frente<sup>13</sup>. Assim sendo, o tempo humano não existiria por si só,

<sup>9</sup> Ibid, p. 91

<sup>10</sup> LAKE, Justin.“Current Approaches to Medieval Historiography”. *History Compass*, n. 13, vol. 3, 2015, p.97

<sup>11</sup> GUIMARÃES, Marcella Lopes. “O discurso cronístico e a narratividade histórica”. MARCHINI NETO, Dirceu e NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Organizadores). *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012, p.67

<sup>12</sup> HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. São Paulo: Authentica Editora, 2011, p.29

<sup>13</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. São Paulo: Autentêntica, 2013, p.89

mas encontrar-se-ia embutido na eternidade divina, caracterizando a ordem do tempo judaico-cristã como uma de espera, enquanto o homem caminha “da mutabilidade do múltiplo à imutabilidade da eternidade divina”<sup>14</sup>.

A particularidade introduzida pelo advento do cristianismo nesta ordem do tempo foi sua divisão em dois, a partir do acontecimento paradigmático da Encarnação. Para além do tempo de expectativa do Antigo Testamento, portanto, cria-se um novo, que será encerrado pelo retorno de Cristo e pelo Juízo Final, um tempo habitado pela esperança do fim. Mais do que isso, a Encarnação, concretização do evento concebido como futuro pelo entendimento judaico, cria no cristianismo uma forte tensão entre o presente e o futuro, entre um *tudo já está concluído* e um *nem tudo ainda está acabado*<sup>15</sup>. A ordem cristã propriamente dita, então, decorre desta tensão entre o *já* e o *ainda não*, sendo o presente um tempo privilegiado em relação ao passado, uma vez que assistiu a precipitação da história, do ponto decisivo que traz a salvação do mundo.

É desta ordem do tempo que deriva a história cristã, uma história da Salvação da humanidade pela Encarnação. Contudo, apesar desta forte promessa e expectativa de fim, a passagem dos tempos apostólicos e a subsequente institucionalização da Igreja trouxeram consigo um alargamento do tempo intermediário vivido. A obra de Santo Agostinho, certamente influente durante todo o medievo, divide o mundo em seis idades e posiciona o presente na última delas. Há, assim, uma contínua tensão que leva o olhar cristão a se dirigir não ao passado e tampouco ao futuro, “que também desaparecerá”, mas *adiante*, para a eternidade do tempo divino<sup>16</sup>.

A desestruturação do Império Romano do Ocidente e a divisão do cristianismo em várias órbitas e centros de poder levam a uma diminuição desta tensão entre o *já* e o *ainda não*, com um aumento do intervalo entre os dois. O *já*, que passa a pesar cada vez mais, causa um deslocamento do olhar centrado no futuro da expectativa da segunda vinda para o passado, para Cristo, começo de tudo e “farol, cuja luz ilumina o antes e o depois (dele até o fim dos tempos)”<sup>17</sup>. Persiste, portanto, uma ordem do tempo flexível, que articula presente, passado e futuro na eternidade, através da Previdência divina<sup>18</sup>.

No que diz respeito à obra de Dudo de Saint-Quentin, podemos observar que tais percepções redundam em um pensamento histórico fortemente teleológico e calcado no providencialismo como a força motora da narrativa. Segundo Victoria Thompson Whitworth, o autor, rejeitando escolas e modelos mais tradicionais de escrita, teria composto sua *Gesta Normannorum* como uma história sacramentária<sup>19</sup>. Por

<sup>14</sup> Ibid, p.87 - 88.

<sup>15</sup> Ibid, p.90.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Ibid, p.91 - 92

<sup>18</sup> Ibid, p.92

<sup>19</sup> WHITWORTH, Victoria Thompson. Trickster, Convert, Martyr, Saint: Four Ways of Dying in Dudo of St. Quentin’s History of the Normans. Disponível em: Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

meio desta história triunfal da *gens* normanda e de seus líderes, Dudo pretendia demonstrar a interação tripla existente entre: o tempo linear, experciado pela humanidade caída; o templo cíclico, que continuamente reencena as verdades litúrgicas; e a eternidade imutável do tempo divino, expressa pela Providência.

O propósito do autor ao fazê-lo era demonstrar como os líderes normandos cuja vida e feitos narrava - Rollo (911 – 933), Guilherme Espada-Longa (933 – 942) e Ricardo I (942 – 996) -,vistos por muitos de seus vizinhos como invasores e “bárbaros” por conta de sua origem nórdica, haviam sido incorporados a um universo cristão ordenado. Buscando reforçar a reivindicação rollonida de pertencimento a uma tradição cristã e clássica, assim, Dudo utiliza-se da Providência a fim de legitimar a inserção da *gens normannorum* como parte legítima do mundo cristianizado e de sua ordem do tempo<sup>20</sup>. Então, o legado dos duques normandos, como retratados na *Gesta*, é o de ter levado a cabo está reincorporação de uma *gens* “bárbara” à história cristã<sup>21</sup>.

Partindo de uma narrativa extremamente tradicional da condução de uma *gens* à salvação por meio da cristianização, Dudo desenvolve uma série de cenários litúrgicos, que visam demonstrar os normandos atingindo sua maturidade espiritual e política em um tempo que reencena as verdades da vida de Cristo. Tanto por meio da prosa quanto da poesia, assim, o autor busca erodir as fronteiras entre passado narrado e mundo vivido, exaltando a sensação de que os eventos descritos se repetem e se estendem até o presente<sup>22</sup>. Este, então, período de governo de seu patrono Ricardo II (996 – 1026) e de um forte e consolidado ducado da Normandia, é retratado como uma culminância, um tempo sublimado no qual a *gens normannorum* já havia sido salva pela sagrada atuação de seus iluminados líderes.

## História Universal e *origo gentis*

Nesse sentido, Dudo não foi o primeiro e nem o último autor cristão a debruçar-se sobre a interseção entre assuntos políticos e teológicos e a conduzir a inserção de um dado grupo humano na ordem do tempo cristã. Muitas vezes apontada como um ato fundador da escrita da história no âmbito do cristianismo, estabelecendo um contínuo a partir de Cristo até o presente, a *Historia Ecclesiastica* de Eusébio de Cesareia era presença quase obrigatória nas bibliotecas medievais<sup>23</sup>. Sua massiva obra

---

<[https://www.academia.edu/2382929/Trickster\\_Convert\\_Martyr\\_Saint\\_Four\\_Ways\\_of\\_Dying\\_in\\_Dudo\\_of\\_St.\\_Quentin\\_s\\_History\\_of\\_the\\_Normans](https://www.academia.edu/2382929/Trickster_Convert_Martyr_Saint_Four_Ways_of_Dying_in_Dudo_of_St._Quentin_s_History_of_the_Normans)>. Acesso em: 12 abr. 2021, p. 1-2.

<sup>20</sup> Ibid, p. 2-3.

<sup>21</sup> Ibid, p. 10.

<sup>22</sup> JAEGER, Stephen. Dudo of St. Quentin and Saxo Grammaticus: Historiography in Two Phases of Charismatic Culture. In. ÜNSTER-SWENDSEN, Mia; HEEBØLL-HOLM, Thomas Kristian; SØNNESYN, Sigbjørn Olsen (Ed). *Historical and Intellectual Culture in the Long Twelfth-Century: The Scandinavian Connection*, Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2016. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11916365/Dudo\\_of\\_St.\\_Quentin\\_and\\_Saxo\\_Grammaticus\\_Historiography\\_in\\_Two\\_Phases\\_of\\_Charismatic\\_Culture](https://www.academia.edu/11916365/Dudo_of_St._Quentin_and_Saxo_Grammaticus_Historiography_in_Two_Phases_of_Charismatic_Culture)> Acesso em: 12 abr. 2020, p. 14-15.

<sup>23</sup> SOT, “Local and institutional history (300 - 1000)”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003, p.90.

constituiu-se como uma busca por situar no tempo a vitoriosa nação cristã, concomitantemente a mais antiga e a mais nova, “contemporânea da criação do mundo e do nascimento do Império Romano sob o domínio de Augusto”<sup>24</sup>. Portanto, a escrita da história em um contexto cristão significava também uma reivindicação de precedência, que estendia o alcance da religião até as raízes humanas comuns, traçadas pela Bíblia<sup>25</sup>, e encaixava toda a história pregressa em um mesmo esquema da Providência divina.

Pelo menos a princípio, então, o esforço de escrever história dentro do cristianismo era um empreendimento universal, que buscava criar entre os batizados um senso de comunidade que se se sobrepuesse a laços mundanos e percepções de tempo e localidade, conferindo-lhes uma origem comum e um fim desejado<sup>26</sup>. Dessa forma, a *Historia* de Eusébio representava um alargamento das promessas de Salvação feitas aos judeus no Antigo Testamento, que agora se estendia a toda a humanidade e resultavam na integração “de muitas histórias como o desdobramento do único plano providencial divino para toda a humanidade”<sup>27</sup>. A crença de Eusébio na monarquia final de Roma como confluência das várias histórias anteriores, onde o Cristo havia estabelecido a adoração a Deus<sup>28</sup>, fez com que a história da Igreja fosse desde o princípio inherentemente política, associando às obrigações para com a ortodoxia o sucesso ou fracasso dos líderes do Império cristianizado<sup>29</sup>.

Mesmo após a fragmentação política do cristianismo causada pela desestruturação do Império Romano, a tradição de escrita de histórias eclesiásticas universais encontrou continuadores em Gregório de Tours, Beda e Isidoro de Sevilha. Mesmo habitando centros políticos diversos e independentes, tais autores mantiveram-se fiéis à premissa da existência de uma Igreja universal e buscaram encaixar sua unidade política ou instituição eclesiástica dentro de um esquema mais amplo e geral da Cristandade<sup>30</sup>.

A crença no Império como culminação do plano divino para a humanidade acaba sendo substituída então por um olhar mais local, que tem na escrita da história das várias *gentes* cristãs tardo-antigas um esforço por demonstrar como as novas lideranças políticas poderiam liderar sua própria comunidade cristã à Salvação. Dessa maneira, os séculos seguintes trazem as *origo gentis*, textos assim agrupados por possuírem panoramas contextuais e políticos semelhantes, mas que não eram entendidos por seus autores como pertencentes a um mesmo gênero textual ou histórico. Constituem, na análise de Lars Boje Mortensen, um

<sup>24</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. São Paulo: Edusc, 2004, p.196

<sup>25</sup> ALLEN, Michael I. “Universal History 300–1000: origins and western developments”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*, Laiden: Brill, 2003,p. 19

<sup>26</sup> Ibid, p.17 - 18 *Tradução nossa*: “(...) an inherited community and history rooted in the Bible”.

<sup>27</sup> Ibid. *Tradução nossa*: “(...) of many histories as the unfolding of God’s single providential plan for all mankind”.

<sup>28</sup> Ibid, p.25.

<sup>29</sup> MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.199 - 201.

<sup>30</sup> MOMIGLIANO, *op. cit.*, p.217.

agrupamento funcional, ou seja, de obras que possuem elementos externos em comum (contexto político, propósito, etc.), visando à legitimação de um poder estabelecido<sup>31</sup>.

São narrativas históricas que abordam uma entidade política em particular, frequentemente iniciando-se por um relato de suas origens e trazendo-o até a dinastia governante presente, apresentando-a como uma liderança capaz e digna em uma ordem cristã. Sua principal característica em comum, assim, é a representação de uma espécie de autoconsciência “étnica”, refletindo a busca de centros de poder e entidades políticas em formação por um lugar no esquema mais amplo do mundo e da história cristãos<sup>32</sup>. As *origo gentis* não devem ser vistas, portanto, como mera representação de uma autoconsciência “étnica”, uma vez que se constituem também como parte de sua construção. São, em suma, discursos políticos, estratégias por meio das quais uma nova identidade de grupo é “construída, negociada e performada”<sup>33</sup>.

Um importante ponto de revisão atual é que, embora as *origo gentis* sejam comumente associadas ao contexto de formação dos reinos “bárbaros” tardo-antigos nos séculos V e VI, o registro de tais obras é na verdade bastante escasso antes da virada do milênio<sup>34</sup>. A *Getica* de Jordanes, a *Historia Langobardorum* de Paulo Diácono, a *Liber Historia Francorum* e a *Historia Gothorum* de Isidoro de Sevilha são frequentemente associadas à tradição, embora esta última, por exemplo, possua um foco notadamente secundário na *gens gothorum*, que supostamente constitui seu principal objeto de escrita. A *Libri Historiarum* de Gregório de Tours e a *Historia Ecclesiastica* de Beda são casos ainda mais significativos, uma vez que, categorizadas por muitos como *origo gentis*, são na verdade histórias eclesiásticas que muito pouco têm a dizer sobre a *gens francorum*, a *gens anglorum* e suas lideranças políticas.

A *Libri Historiarum*, assim, apenas ganhou o enganoso título *Historia Francorum* em manuscritos carolíngios muito posteriores<sup>35</sup>. A narrativa de Gregório de Tours aborda a comunidade política erigida pelos merovíngios de forma muito tangencial, enfocando o funcionamento de uma sociedade cristã e os deveres de seus líderes, que, em associação aos representantes da Igreja, deveriam liderar seu povo à salvação<sup>36</sup>. A posterior *Historia dos Francos* de Fredegário, por sua vez, pode ser mais adequadamente compreendida dentro da categorização de *origo gentis*. Utilizando-se de categorias territoriais ou políticas mais genéricas para se referir aos habitantes da Gália merovíngia, Fredegário reserva termos mais “étnicos”

<sup>31</sup> MORTENSEN, Lars Boje, “Stylistic Choice in a Reborn Genre. The National Histories of Widukind of Corvey and Dudo of St. Quentin”. In: GATTI, Paolo; Degl’Innocenti (Org.). *Dudone di San Quintino*. Trento: Editrice Università degli Studi di Trento, 1995, p. 79-80.

<sup>32</sup> PIZARRO, Joaquin Martínez. “Ethnic and National History ca. 500 - 1000” In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*, Laiden: Brill, 2003, p.44 - 45.

<sup>33</sup> Ibid, p.45 Tradução nossa: “(...) constructed, negotiated and performed”.

<sup>34</sup> MORTENSEN, *op. cit.*, p. 81-82.

<sup>35</sup> PIZARRO, *op. cit.*, p.52.

<sup>36</sup> Ibid, p.55 - 56.

como *genere Francos* para introduzir personagens em posições de poder, especialmente os *majordomus* carolíngios, principal foco de sua exaltação<sup>37</sup>.

Representando um enfoque cada vez mais político e menos abrangente, a anônima *Liber Historiae Francorum* - também conhecida como *Gesta Francorum* - deixa completamente de lado as outras *gentes* e os assuntos eclesiásticos para focar apenas a nobreza franca, a qual reserva o termo *Franci*<sup>38</sup>. A apresentação épica que faz da história militar e dinástica franca, com longos discursos diretos e formas anedóticas, além disso, é bastante evocativa dos temas e da forma narrativa da própria *Gesta Normannorum*, tendo sido possivelmente uma das principais influências para a obra de Dudo de Saint-Quentin.

Após a *LHF*, contudo, quase 170 anos de tradição carolíngia não viram a reformulação de uma nova grande história dos francos, causando uma espécie de lacuna nas *origo gentis* entre a *História Langobardorum* de Paulo o Diácono nos anos 790 e a *Res Gestae Saxonicae* de Widukind, em torno de 960<sup>39</sup>. A Widukind e ao contexto da ascensão da frágil dinastia capetíngia ao trono franco comumente atribui-se uma transição das *origos* a um formato mais explicitamente dinástico. Assim, tanto sua *Res Gestae Saxonicae*, composta entre 965 e 975, quanto a *Gesta Normannorum* de Dudo de Saint-Quentin seriam exemplos de uma ascendente identidade saxã e normanda. Tanto Widukind quanto Dudo, nesse sentido, foram pioneiros independentes na composição de *origo gentis* de grupos nobiliárquicos não régios, cumprindo a tarefa semelhante de justificar a ascensão de um novo centro de poder nas fronteiras do mundo carolíngio<sup>40</sup>.

Escrita ao início do século XI como parte de um esforço para inserir e legitimar os governantes do ducado da Normandia em um ambiente político e retórico cristão, a *Gesta Normannorum* certamente emprestou muito da tradição pregressa de *origo gentis*. A consonância entre a *Gesta* e tais obras encontra-se principalmente em seu contexto político e foco narrativo, que estava muito mais no grupo governante e no centro de poder normandos do que em uma ideia de *populus* amplo e etnicamente definido. Assim, o texto constrói discursivamente uma ideia de *gens normannorum* com base nos feitos dos duques normandos, legitimando-os como escolhidos por Deus para o governo ideal daquela comunidade cristã.

É notório também que Dudo empreste muito de outras *origo gentis* e de uma tradição clássica para cristianizar a própria origem normanda, trocando sua pouco conhecida e pouco mapeada ascendência nórdica pelo mais reconhecível cenário da Dácia goda de Jordanes. Sai de cena então o *raider* nórdico Hrólfr, fundador da dinastia normanda, e entra o herói virgiliano Rollo, um dácio que rapidamente encontra seu caminho em direção ao cristianismo na narrativa da *Gesta Normannorum*. Buscando encaixar a *gens* normanda em uma tradição pregressa de *gentes* “bárbaras” que haviam adentrado o mundo conhecido,

<sup>37</sup> Ibid, p.61.

<sup>38</sup> Ibid, p.62 - 63.

<sup>39</sup> MORTENSEN, op. cit., p. 83.

<sup>40</sup> Ibid, p. 86-87.

portanto, Dudo de Saint-Quentin narra sua progressiva jornada de maturação e cristianização, sob a liderança dos *principes* rollonidas.

É importante ressaltar, entretanto, que encaixar a *Gesta Normannorum* em um grupo mais amplo de obras medievais é útil apenas para compreendermos minimamente os precedentes e a tradição na qual o texto se insere, uma vez que não houve durante o período a pretensão de se escrever história dentro de um gênero textual, com regras e características específicas<sup>41</sup>. Na prática, os autores misturavam formatos e técnicas de acordo com o que julgavam mais adequado a seus propósitos. Assim, a fim de exaltar seus patronos rollonidas e atrelá-los de forma inequívoca ao governo da Normandia e da *gens normannorum*, Dudo se utiliza de elementos comuns às influentes *origo gentis*, mas constrói também uma história dinástica, além de emprestar muito da tradição de hagiografias. No entanto, é argumentável que o autor tenha utilizado-se, acima de tudo, de uma alta carga de *inventio* retórica a fim de transformar o estabelecimento pragmático e temporário do *raider* Hrólfr no noroeste da *Francia* em uma jornada de salvação guiada pela Providência divina.

### **Fronteiras entre “verdade” e “ficção” na *Gesta Normannorum*: o procedimento da *inventio* retórica**

Embora contenha, sem dúvidas, uma forte carga de pensamento teológico, seria bastante reducionista entender a *Gesta Normannorum* unicamente como fruto de uma tradição cristã, uma vez que a influência de obras clássicas no pensamento medieval tem sido cada vez mais analisada e atestada. Os estudos recentes dedicados a demonstrar as reminiscências da *Eneida*, de Virgílio, na construção feita por Dudo para Rollo - principalmente no que diz respeito ao exílio do *raider* de sua Dácia natal e estabelecimento em uma nova região - demonstram que a escrita da história medieval não se fugiu de utilizar elementos da tradição clássica “pagã”.

Dentro desta questão mais ampla sobre influências clássicas e pressupostos cristãos na escrita da história medieval, uma das discussões mais recorrentes é a das fronteiras entre “verdade” e “ficção”. A própria *Gesta Normannorum*, redescoberta e republicada por Jules Lair em 1865, foi logo descartada como uma fonte fantasiosa e não confiável por historiadores que buscavam reconstituir o passado que ela aborda. E, de fato, o texto de Dudo vem sendo estudado muito mais pelo que pode nos revelar sobre o contexto e os atores envolvidos em sua produção do que pelo período ao qual se refere. Isso não quer dizer, contudo, que seu conteúdo possa ser simplesmente categorizado como “mentiroso”, “propagandístico” ou “fantasioso” sem uma análise mais aprofundada sobre as fronteiras entre uma alegada busca pela verdade e a aplicação da retórica na construção de uma narrativa histórica ao início do século XI.

---

<sup>41</sup> DELYIANNIS, op. cit., p.5

Sabemos, a partir dos poucos tratados e das declarações de intenções prefatórias que acompanhavam algumas obras, que os autores medievais se propunham a escrever história buscando a verdade, um conceito por si próprio bastante indefinido e que foi entendido de formas variadas ao longo de todo o período<sup>42</sup>. Na prática, contudo, a dificuldade encontrada pelos autores de localizar relatos escritos e testemunhas oculares dos eventos que buscavam descrever levava-os a constantemente desviarem-se do padrão estrito de *res verae quae factae sunt* (“coisas verdadeiras que realmente aconteceram”, como definido por Isidoro de Sevilha), e a complementar sua narrativa através da amplificação retórica e de padrões de plausibilidade e verossimilhança<sup>43</sup>.

Levar em conta esta flexibilidade narrativa não significa dizer que Dudo de Saint-Quentin não buscou inserir em sua obra um conteúdo que, de forma geral, agradaria e serviria aos propósitos políticos de seus patronos. No entanto, se afirmamos que o relato do autor é mentiroso, estamos também postulando ser possível atingir algum tipo de “verdade” histórica, que foi por ele distorcida. O que tentaremos propor, então, é um entendimento do texto como uma obra complexa, que cria uma narrativa claramente favorável aos duques normandos e lhes serviu como uma poderosa ferramenta de legitimação e aglutinação política, mas que nem por isso deixa necessariamente de relatar a “verdade” da Providência divina, como o autor a concebia.

Antes de mais nada, cabe ressaltar que os autores medievais tinham consciência da distinção entre eventos (*res gestae quae factae sunt*) e história narrada (*narratio rerum gestarum*), sendo esta última moldada não apenas por viés e intencionalidade, mas pela própria maneira a qual tais autores concebiam o passado e a história<sup>44</sup>. Houve, durante o período, uma tendência geral de justificar e legitimar o presente a partir do passado<sup>45</sup> e, assim, a retórica era uma ferramenta utilizada pelos autores para construir narrativas mais profundas e convincentes, que penetrassem e explorassem os pensamentos e motivos de personagens históricos<sup>46</sup>.

Cabe lembrar, também, que há uma virtual ausência de relatos textuais anteriores sobre o período de estabelecimento rollonida que a *Gesta Normannorum* aborda, tanto em monastérios normandos quanto em anais e crônicas francas. Dudo de Saint-Quentin dependia em grande medida, então, dos relatos fornecidos pelos próprios membros da família ducal normanda, certamente motivados por seus interesses políticos imediatos. É plausível presumir então que o autor tenha sido compelido a preencher as lacunas de

<sup>42</sup> DELIYANNIS, *op. cit.*, p. 4 - 5

<sup>43</sup> LAKE, Justin C. “Truth, plausibility and the virtues of narrative at the millennium”. *Journal of Medieval History*, n.35, 2009, p.221 - 222

<sup>44</sup> LAKE, Justin.“Current Approaches to Medieval Historiography”. *History Compass*, n. 13, vol. 3, 2015, p.91 - 92

<sup>45</sup> Ibid, p.93

<sup>46</sup> Ibid, p.91

sua história utilizando-se de ferramentas de *inventio* retórica, “descobrindo” materiais apropriados e adotando o padrão de plausibilidade para compor sua narrativa<sup>47</sup>.

Ao mesmo tempo, sabemos que o período carolíngio foi marcado por uma retomada e disseminação das doutrinas de retórica clássica, sendo provável que Dudo, um monge da região da Picardia, tenha tido contato com essa tradição. Bastante revelador é o exemplo de seu contemporâneo, Riquero de Saint-Remi (940 - 998), que alude explicitamente a noções de plausibilidade retórica no prefácio de sua *Historiarum Libri Quatuor*. Afirmado seu propósito de revisar os anais de Flodoardo de Reims, Riquero propõe-se a aprimorar seu estilo e conferir mais profundidade ao relato, a fim de transformá-lo em uma narrativa histórica propriamente dita<sup>48</sup>. O que distingue Riquero de seus predecessores não é o fato de ter modificado e ampliado o trabalho de outro autor, mas de admiti-lo abertamente, reivindicando a plausibilidade, clareza e brevidade de sua obra, as três “virtudes narrativas” (*virtutes narrationis*) propostas pelos manuais retóricos da antiguidade<sup>49</sup>.

Isto é de extrema relevância uma vez que a *De Inventione* ciceroniana foi um importante manual de doutrina retórica durante toda a Idade Média, sendo foco de um intenso e renovado estudo junto com a pseudo-ciceroniana *Rhetorica ad Herennium* ao longo do século X. No pensamento ciceroniano, *narratio* descrevia o segundo componente de uma oração, quando um orador recontava uma versão dos fatos que melhor se encaixava no que estava tentando convencer seu público<sup>50</sup>. Na *De Inventione*, Cícero elenca três tipos de *narratio*, duas para assuntos públicos e uma não, sendo que desta última derivam *fabula*, *historia* e *argumentum*<sup>51</sup>.

Dentro da concepção ciceroniana, portanto, a história é reconhecida como uma narrativa baseada em eventos verdadeiros, mas uma que deveria empregar ferramentas retóricas para que fosse capaz de convencer seu público. Destas ferramentas, a mais importante era a *inventio*, a “descoberta” de materiais, dentro da qual Cícero inclui as três virtudes da narrativa: clareza, concisão e plausibilidade (*narratio aperta*, *brevis* e *probabilis*), tendo esta última o objetivo de persuadir um público utilizando-se de crenças e concepções que, acredita o narrador, tal público teria<sup>52</sup>.

<sup>47</sup> LAKE, Justin C. “Truth, plausibility and the virtues of narrative at the millennium”. *Journal of Medieval History*, n.35, 2009, p. 222

<sup>48</sup> Ibid, p.224

<sup>49</sup> Ibid, p.224 - 225

<sup>50</sup> Ibid, p.226 - 227

<sup>51</sup> Há também a famosa definição de Isirodo de Sevilha em Etym., I, 44, 5, extremamente influente durante todo o período: “Existe também distinção entre *história*, *argumento* e *fábula*. Histórias são fatos verdadeiros que sucederam; argumentos, acontecimentos que não aconteceram, mas que poderiam ter ocorrido; fábulas, por sua vez, são aquelas coisas que não aconteceram nem podem acontecer, pois são contrárias ao natural”. DELIYANNIS, *op. cit.*, p.3.

<sup>52</sup> SCATOLIN, Adriano (Trad.). *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I*, 9, 23. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/publico/ADRIANO\\_SCATOLIN.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/publico/ADRIANO_SCATOLIN.pdf)> p. 209. 80.

Buscando tratar de acontecimentos sobre os quais não tinha fontes ou testemunhas, o historiador medieval que se propusesse a seguir os princípios da retórica clássica teria de empregar a *inventio*, suplementando o que “realmente aconteceu” (*verum*) pelo que poderia ter acontecido (*verisimile*)<sup>53</sup>. Isso certamente explicaria o porquê encontramos na *Gesta Normannorum* o tipo de “dramatização” de eventos e motivações de personagens – como, por exemplo, a renúncia de Guilherme ao mundo material logo antes de sua morte, transformada em martírio - não corroboradas em outros relatos. Neste e em vários outros momentos, o autor parece buscar construir uma superestrutura retórica (*exaedificatio*), com escrita de discursos, diálogos, e um estilo de prosa bastante ornado, sobre a fundação básica de fatos, seguindo a definição ciceroniana de uma história apropriada escrita por um orador<sup>54</sup>.

Plausibilidade, então, não era vista como uma versão “adulterada” da verdade, mas como um padrão separado e distinto aplicado à *exaedificatio* retórica, que deveria combinar ambos na construção de uma melhor narrativa histórica. É por isso que, em diferentes prefácios e poemas que antecedem sua narrativa, Dudo reivindica por vezes um ideal de verdade e, por outras, a plausibilidade de sua obra. Assim, o terceiro livro da *Gesta Normannorum* é prefaciado por um poema de 82 linhas no qual Dudo compara sua aventura sobre as turbulentas águas da história à tentativa de Pedro de andar sobre a água. Em seguida, roga o apoio divino para que sua narrativa seja concisa (*brevis*), plausível (*probabilis*) e clara (*apertus*), e que contenha uma apropriada aplicação de técnicas retóricas aos fatos e temas à sua frente (*exque datis at que negotio/ sumaturratio rhetorabilis*)<sup>55</sup>.

O livro quatro da *Gesta Normannorum*, por sua vez, focado na vida e feitos de Ricardo I, é prefaciado por uma série de poemas cantados pelas musas em homenagem ao duque. Clio, a musa da história e primeira de nove a falar, reivindica como seu direito “contar à posteridade histórias de coisas da ordem crível” (*credibili ordine*)<sup>56</sup>. O que Dudo propõe, portanto, é que a história deve tornar plausíveis os feitos do passado<sup>57</sup>. A ausência de qualquer outro relato escrito sobre o passado normando do início do século X deu a Dudo liberdade para aplicar a *inventio* mais livremente, transformando sua *narratio probabilis* em uma glorificação dos líderes normandos, atribuindo a Rollo e a seus descendentes feitos que devemos encarar, no mínimo, com considerável ceticismo.

Entretanto, apesar de o próprio autor admitir a utilização das ferramentas da *inventio* retórica em sua obra, ele não deixa de reivindicar também seu caráter de verdade. Sendo assim, na cartada dicada a

<sup>53</sup> LAKE, 2009, *op. cit.*, p.228

<sup>54</sup> Ibid, p.233 – 234.

<sup>55</sup> DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Dudo of St. Quentin's Gesta Normannorum – An English Translation*. trad. Felice Lifshitz, 1996. Disponível em: <[https://www.arlima.net/the-orb/orb\\_done/dudo/dudindexe.html](https://www.arlima.net/the-orb/orb_done/dudo/dudindexe.html)>. Acesso em: 05 out. 2020, folios32v – 34r. And my heart with the stimulus of the rhetorical whirlpool, | Out fitting my tongue like wise with trimodal utterance, | So that the narrative of this history, which we will reveal, | May henceforth be concise and credible (...) And let rhetorical method be applied in this enterprise.

<sup>56</sup> Ibid, folios 47r – 49v. *Tradução nossa*: “Indeed it is my right to render to posterity | The histories of affairs in a credible order.”

<sup>57</sup> LAKE, 2009, *op. cit.*, p. 234-235.

Adalbero de Laon que serve de prefácio à obra, Dudo não apenas afirma que Ricardo II havia instigado-o a continuar sua escrita para que ela evitasse o vício da ambiguidade (*bilinguitatis vitum*) e se libertasse de “qualquer mancha de falsidade” (*ullo mendacii inquinamento*), como também roga ao próprio Adalbero que “sua inverdades possam ser removidas, e quaisquer verdades (*quid veritatis*) que ela contenha possam ser corroboradas por sua autoridade”<sup>58</sup>. Em outro ponto, ainda, endereça seu leitor dizendo que será breve e irá “dizer a verdade do assunto (*rei veritatem*), e rejeitar sofismas enganosos”<sup>59</sup>.

Uma das questões mais relevantes quando analisamos a *Gesta Normannorum*, portanto, é o equilíbrio que seu autor busca entre esta proposta de veracidade e os critérios de verossimilhança e plausibilidade aos quais submete seu relato. Beneficiado pela virtual ausência de fontes escritas sobre o período que aborda, Dudo de Saint-Quentin gozou de liberdade quase total para construir sua *exaedificatio* retórica. Afinal, é também muito pouco provável que qualquer sujeito ainda vivo ao início do século XI tivesse sido um participante ativo dos eventos que descreve ao longo da primeira metade do século X. Quem, em suma, teria as ferramentas necessárias para questionar seu relato?

Nesse sentido, é importante analisarmos brevemente o estudo de Bernard Bachrach que, partindo do pressuposto de que a *Gesta* havia sido escrita para um público aristocrático, destaca o quanto Dudo relata com considerável precisão e verossimilhança os detalhes de cunho militar em sua narrativa<sup>60</sup>. Ao longo de sua análise, Bachrach postula que, por mais que a pesquisa atual seja capaz de apontar várias das inconsistências e “fabricações” da obra, pouquíssimos dos contemporâneos do autor disporiam do conhecimento necessário para perceber tais “inexatidões” em um volume que seria suficiente para colocar em cheque a credibilidade de Dudo<sup>61</sup>.

Assim, os livros um e dois, que discorrem sobre o período mais recuado no tempo, do desembarque e jornada inicial de Rollo e de seus homens, contém ao mesmo tempo os trechos mais repletos de fabricações e os quais persiste uma maior dificuldade, até hoje, em questioná-las. Segundo Bachrach, tais construções frequentemente passavam despercebidas, contanto que o autor fosse preciso quanto ao tipo de informação e minúcia sobre as quais seu público era bem versado, e onde imprecisões poderiam levar a um questionamento mais amplo da credibilidade e plausibilidade da obra<sup>62</sup>. Dotado de um bom entendimento de práticas retóricas, então, Dudo preocupou-se em apresentar assuntos de lei, costumes quanto a concessões de terra e arte militar com considerável precisão.

<sup>58</sup> DUDO DE SAINT-QUENTIN, folios 1v – 8v. *Tradução nossa*: “(...) and keep calling me to witness lest the intention which I had pledged to him seem to be defiled. transformed into the vice of double-tonguednes by any filth of falsehood. (...) I have disposed to send it to your majesty. so that the falsities might be lopped off; and if there be any truthfulness in it. it be confirmed by your authority.”

<sup>59</sup> Ibid, folios 12v – 13r. *Tradução nossa*: “And let it represent the truth of the matter, spurning the error of sophism”.

<sup>60</sup> BACHRACH S. Bernard, “Dudo of St Quentin and Norman Military Strategyc. 1.000” In: GILLINGHAM, John (Org). *Anglo-Norman Studies XXVI: Proceedings of the Battle Conference 2003*. Woodbridge: The Boydell Press, 2004, p. 21 - 36

<sup>61</sup> Ibid, p. 24.

<sup>62</sup> Ibid, p. 26.

Muito próximo dos duques normandos e presença frequente em sua corte, Dudo certamente conhecia o interesse de seu público pela preparação para a guerra, pela atividade militar em si e por suas consequências, o que justifica o foco e a profundidade dos assuntos de natureza bélica em sua *Gesta Normannorum*<sup>63</sup>. Ao longo de toda a obra, é visível que o autor esforça-se por precisar detalhes sensíveis quanto aos lugares e potenciais esforços militares empreendidos pelos normandos, principalmente nas primeiras conquistas de Rollo pela *Francia*. Buscando retratar com precisão os contingentes, recursos e a situação de seus alvos, continua Bachrach, Dudo desejava tornar plausível sua narrativa, explicitando aos seus leitores que ele próprio, tanto quanto eles, compreendia a importância da estratégia militar e de seus desdobramentos<sup>64</sup>.

Considerando todas essas complexas questões envolvendo as fronteiras entre “verdade” e “ficção” na escrita medieval, afirmar que Dudo de Saint-Quentin não mentia ao elaborar uma narrativa favorável aos duques normandos não significa, de forma alguma, defender a credibilidade do autor. Significa, simplesmente, buscar compreender uma narrativa histórica entro de suas próprias concepções e pressupostos. Se aos olhos da História disciplinarmente constituída contemporânea soa contraditório defender ao mesmo tempo a veracidade e a plausibilidade de uma obra, tal não era necessariamente a compreensão ao redor do ano mil. Dizer, por fim, que a *Gesta Normannorum* constrói retoricamente uma versão do passado que servia às pretensões políticas de seu presente, significa dizer que ela é uma narrativa, “um procedimento multifacetado que engloba as realizações literária e histórica, sem que se confundam como discurso, e a imaginação, sem que esta se confunda com mentira”<sup>65</sup>.

## Considerações finais

O tema da escrita da história no contexto medieval é um que pode suscitar uma infinidade de reflexões e debates dos mais diversos. Análises contemporâneas vêm defendendo com cada vez mais ênfase a necessidade de não somente analisar o contexto político que motivava e permeava a escrita de uma obra, mas também os mecanismos teóricos e retóricos utilizados por seus autores, além da tradição anterior que evocavam e na qual se inseriam. Além disso, analisar e expor os elementos de cunho teológico das obras, apesar de auxiliar no entendimento das mesmas - como é o caso com o mecanismo do providencialismo -, não deve se sobrepor à percepção de que autores medievais ainda se baseavam muito em pressupostos de escrita e retórica que tinham sua origem no mundo clássico.

Dudo de Saint-Quentin, de forma não tão diferente a autores de história oriundos de variados períodos e contextos, partiu de uma tese central para sua narrativa, construindo sua estrutura com base neste

<sup>63</sup> Ibid, p. 26-28.

<sup>64</sup> Ibid, p. 32.

<sup>65</sup> GUIMARÃES, *op. cit.*, p.55

fim almejado. Se os eventos supostamente “verdadeiros” da história normanda – sobre os quais ele próprio tinha pouquíssimo conhecimento – não fossem suficientes para adequadamente narrar o caminho da iluminada *gens normannorum* em direção à cristianização, ele estava mais do que disposto a utilizar-se da *inventio ciceroniana* para demonstrá-lo. Incumbido da árdua tarefa de legitimar um grupo de “bárbaros” recém-conquistadores da região Normanda, Dudo utilizou-se de todas as ferramentas à sua disposição.

Para nossa corrente pesquisa sobre a *Gesta Normannorum*, buscar compreender o ambiente no qual o autor se inseria incorre não apenas em uma análise do contexto político normando nos séculos X e XI, mas também da tradição e mecanismos de escrita nos quais se apoiou. Compreender, assim, como o autor via e justificava os elementos “fabricados” de sua narrativa enriquece grandemente nossa compreensão sobre a mesma. É nosso entendimento que, na busca por uma percepção mais aprofundada sobre a *Gesta Normannorum* e sua instrumentalização em um panorama político mais amplo, faz-se necessário compreender melhor como e por que se escrevia história no período em que Dudo de Saint-Quentin traçou as linhas de sua obra.

## Referências

- ALLEN, Michael I. “Universal History 300–1000: origins and western developments”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003.
- BACHRACH S. Bernard, “Dudo of St Quentin and Norman Military Strategyc. 1.000” In: GILLINGHAM, John (Org). *Anglo-Norman Studies XXVI: Proceedings of the Battle Conference 2003*. Woodbridge: The Boydell Press, 2004, p. 21 - 36
- DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. Introduction. In. *Historiography in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2003.
- DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Dudo of St. Quentin's Gesta Normannorum – An English Translation*. trad. Felice Lifshitz, 1996. Disponível em: <[https://www.arlima.net/the-orb/orb\\_done/dudo/dudindexe.html](https://www.arlima.net/the-orb/orb_done/dudo/dudindexe.html)>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- FERNANDES, Fátima R. "A construção teórica da supremacia régia em Portugal do século XIV: reflexões estruturais de uma pesquisa". *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - APUH*, São Paulo, 2011.
- FERNANDES, Fátima Regina. “As Crônicas e as Chancelarias régias: a natureza e os problemas de aplicação das fontes medievais portuguesas”. *Revista Ágora*, n. 16, 2012.
- FERNANDES, Fátima Regina. “Discursos e estratégias de poder na Idade Média Peninsular”. *Anais do VII Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 2009.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. “O discurso cronístico e a narratividade histórica”. MARCHINI NETO, Dirceu e NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Organizadores). *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. São Paulo: Authentica Editora, 2011.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. São Paulo: Autenténtica, 2013.

HEFFERNAN, Thomas J.. “Christian Biography: Foundation to maturity”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003.

JAEGER, Stephen. Dudo of St. Quentin and Saxo Grammaticus: Historiography in Two Phases of Charismatic Culture. In. ÜNSTER-SWENDSEN, Mia; HEEBØLL-HOLM, Thomas Kristian; SØNNESYN, Sigbjørn Olsen (Ed). *Historical and Intellectual Culture in the Long Twelfth-Century: The Scandinavian Connection*, Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2016. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11916365/Dudo\\_of\\_St.\\_Quentin\\_and\\_Saxo\\_Grammaticus\\_Historiography\\_in\\_Two\\_Phases\\_of\\_Charismatic\\_Culture](https://www.academia.edu/11916365/Dudo_of_St._Quentin_and_Saxo_Grammaticus_Historiography_in_Two_Phases_of_Charismatic_Culture)> Acesso em: 05 out. 2020, p. 14-15.

LAKE, Justin. “Authorial Intention in Medieval Historiography”. *History Compass*. v. 12, n. 4, p. 344-360, 2014

LAKE, Justin. “Current Approaches to Medieval Historiography”. *History Compass*, n. 13, vol. 3, p.89-109, 2015

LAKE, Justin C. “Truth, plausibility and the virtues of narrative at the millennium”. *Journal of Medieval History*, n.35, p. 221 - 238, 2009

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. São Paulo: Edusc, 2004

MORTENSEN, Lars Boje, “Stylistic Choice in a Reborn Genre. The National Histories of Widukind of Corvey and Dudo of St. Quentin”. In: GATTI, Paolo; Degl’Innocenti (Org.). *Dudo nedì San Quintino*. Trento: Editrice Università degli Studi di Trento, 1995.

PIZARRO, Joaquin Martínez. “Ethnic and National History ca. 500 - 1000”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003.

SALOR, Eustaquio Sánchez. *Historiografía Latino-Cristiana: principios, contenido, forma*. Roma: L'Emma di Bretschneider, 2006

SÁNCHEZ, Pedro Juan Galán. *El género historiográfico de la chronica: las crónicas hispanas de época visigoda*. Universidad de Extremadura, 1994.

SHOPKOW, Leah. “Dynastic History”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003.

SOT, Michael. “Local and institutional history (300 - 1000)”. DELIYANNIS, Deborah Mauskopf org. *Historiography in the Middle Ages*. Laiden: Brill, 2003.

WHITWORTH, Victoria Thompson. Trickster, Convert, Martyr, Saint: Four Ways of Dying in Dudo of St. Quentin’s History of the Normans. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/2382929/Trickster\\_Convert\\_Martyr\\_Saint\\_Four\\_Ways\\_of\\_Dying\\_in\\_Dudo\\_of\\_St.\\_Quentin\\_s\\_History\\_of\\_the\\_Normans](https://www.academia.edu/2382929/Trickster_Convert_Martyr_Saint_Four_Ways_of_Dying_in_Dudo_of_St._Quentin_s_History_of_the_Normans)>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Recebido em 10/03/20 aceito para publicação em 28/04/21.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhamento 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

ISSN 2317-4021